



## O ENSINO DA DISCIPLINA DE SOCIOLOGIA EM DIVERSOS CURSOS DA UFRPE

RAQUELE DE SOUZA RIBEIRO DE BARROS CRUZ<sup>49</sup>

### RESUMO

O objetivo do artigo é analisar de que forma a disciplina de sociologia é vista no ensino superior por alunos da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) que não estudam o curso de Bacharelado em Ciências Sociais. Foram observados três aspectos empíricos: o conteúdo das aulas, o conhecimento obtido e o professor. Os conceitos trabalhados foram: sociologia da educação; qualidade da universidade; e o ensino da Sociologia. Concluindo que a disciplina de sociologia contribui na formação profissional dos estudantes dos outros cursos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação. Qualidade da universidade. Ensino da sociologia.

### ABSTRACT

The objective of the article is to analyze how the discipline of sociology is seen in higher education by students from the Federal Rural University of Pernambuco (UFRPE) who do not study the Bachelor of Social Sciences course. Three empirical aspects were observed: the content of the classes, the knowledge obtained and the teacher. The concepts worked on were: sociology of education; university quality; and the teaching of Sociology. Concluding that the discipline of sociology contributes to the professional training of student from other courses.

**KEYWORDS:** Education. University quality. Teaching of sociology.

### Introdução

A sociologia enquanto disciplina no ensino médio, em nosso país, surge no final do século XIX, de forma autodidata. E enfrentou enormes dificuldades, por não ter uma referência institucional precisa e sem essa referência passaram por enormes adversidades tais como: falta de material didático e a ausência de recursos financeiros que proporcionassem condições propícias para que os profissionais divulgassem e aprofundassem os estudos e pesquisas que vinham realizando. Sua primeira tentativa de implementação como disciplina formal, foi por Benjamim Constant em 1891, no mesmo século, no entanto, enfrentou dificuldade em se efetivar no currículo escolar, devido à morte do mesmo. Desde então, teve dificuldades para se efetivar, sofrendo uma forte interrupção no período da ditadura.

<sup>49</sup> Bacharela em Ciências Sociais pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). E-mail: [raquele.ribeiro@hotmail.com](mailto:raquele.ribeiro@hotmail.com)



Voltando a ser discutido no processo de redemocratização, em 1980 (FEIJÓ, 2012). Em 2008, que o então presidente em exercício, José Alencar, vice-presidente de Luiz Inácio Lula da Silva, sancionou a lei de nº 11.864 que torna obrigatório o ensino da sociologia na escola pública e privada, nas três séries do Ensino Médio. Recentemente, o atual presidente da república, Michel Temer adotou a Medida Provisória do Novo Ensino Médio, criou a LEINº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017, do corrente ano, onde a sociologia fará parte da grade curricular comum dos alunos, mas não será mais obrigatória nos três anos dessa fase da educação básica.

Essas idas e vindas acarretaram em grande perda na elaboração de seus conteúdos, métodos e na qualificação dos profissionais que atuam na área levando ao fracasso escolar da disciplina na educação básica. Segundo Ferreira (2009), a observação e a experiência mostram que uma das maiores fragilidades do ensino de Sociologia reside, justamente, na dificuldade encontrada em definir seu objeto e as funções do seu discurso na escola, caracterizado justamente pela falta de formação de professores qualificados.

Levando em consideração a ausência da sociologia por 40 anos do currículo escolar das escolas de ensino médio, por causa da ditadura, as questões relativas ao ensino da sociologia saíram do âmbito dos cursos de Ciências Sociais e foram transferidas para questões pedagógicas e de pesquisa em educação, de modo que a disciplina de prática de ensino em Ciências Sociais ou em Sociologia passou a ser, em muitas universidades, de responsabilidade do Departamento de Educação e, muitas vezes ministrada por um docente desvinculado do curso de Ciências Sociais. Este fato nos leva a pensar ainda mais no fracasso escolar da sociologia no ensino médio e, por conseguinte, talvez de nível superior, por se ter profissionais sem a formação específica ministrando a disciplina (SILVA; SANTOS e SILVA 2009).

Um estudo realizado pelo MEC (Ministério da Educação), em julho de 2008, mostra a dificuldade que as escolas têm para se adaptar à legislação que exige a disciplina de sociologia no ensino médio. Além da falta de docente dessa área, há ainda material didático insuficiente e poucos estudos sobre um currículo atual de Sociologia. O quadro do país se caracterizava, por ter 20.339 professores de Sociologia, atuando nas escolas; no entanto, só 12,3% deles (2.499) são licenciados na área. O restante se graduou em áreas como história, geografia e português. O levantamento mostrava também que a quantidade de graduados na área, nos cinco anos anteriores, independentemente da opção por dar aulas, ou não, estava longe de cobrir o déficit (<https://portaldoestudante.wordpress.com/tag/lei>).

Por outro lado, tendo em vista esse fato, há uma preocupação em saber se esse fracasso, ou o descontentamento com as aulas de sociologia por parte dos estudantes, também ocorre em cursos de nível superior de áreas distintas das ciências sociais, onde na maio-



ria dos casos se tem profissionais com formação adequada, ou melhor, com formação em Ciências Sociais (bacharelado/licenciatura), como é o caso da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

Costa (2015), fala que ao tratar da formação docente em Ciências Sociais é inevitável não apontar certa hierarquização que existe entre as duas modalidades do curso, mediante uma importância maior dada ao bacharelado frente à licenciatura, constituindo-se uma tradição de investigação profissional para os bacharéis e uma frágil formação docente para os licenciados. Com uma maioria, talvez de professores de Ciências Sociais que não tenham formação em licenciatura na UFRPE, e sim de bacharelado, as disciplinas de sociologia, lecionadas em outros cursos, encontrem dificuldades.

Para Rego (2006) a disciplina acadêmica de sociologia no ensino superior é extremamente importante, nos diversos campos profissionais, pois qualquer especialização profissional é desenvolvida no contexto de uma realidade social e está sujeita a determinações econômicas, políticas e culturais mais amplas, das quais o agente deve estar consciente, além disso, muitas ações dependem das características sociais e culturais das populações sobre as quais se vão atuar.

A curiosidade de como a disciplina de sociologia contribui na formação de estudantes de outros cursos que não cursam Ciências Sociais e o desejo de contribuição na área da educação foram o que motivaram esta pesquisa. A educação sempre foi um tema do meu interesse, sempre senti a necessidade de contribuir de alguma forma. Assim surgiu a ideia de entender como acontece o ensino de sociologia da UFRPE, tendo em vista a avaliação/percepção dos discentes de cursos diferentes da sociologia.

A pesquisa foi realizada na Universidade Federal Rural de Pernambuco. A Universidade Federal Rural de Pernambuco foi escolhida principalmente pela praticidade, por conhecer os professores, o ambiente e por facilitar o acesso.

A técnica de coleta de dados utilizada foram questionários com perguntas na sua maioria fechadas, mas com importantes questões dissertativas. Foi uma pesquisa qualitativa, pois, apesar do questionário o estudo foi de caráter exploratório. Os depoimentos dos estudantes foram aqui analisados. Os questionários foram aplicados nos dias 03 de novembro de 2016, 18 de fevereiro de 2017 e 12 de maio de 2017. Sempre no período da tarde às 13:00 horas às 16:00 horas. Como moro em Chã de Alegria-PE, e tenho um filho pequeno era mais conveniente sair às 11:00 horas de casa e voltar no ônibus que sai de Camaragibe às 17:00 horas (último horário do dia). Encerrava às 16:00 horas para não correr o risco de perder o ônibus. A pesquisa teve início no dia 03 de novembro de 2016, e foi interrompida, logo em seguida com a morte repentina da minha mãe, no dia 16 do mesmo mês. No dia 18 de



fevereiro, retomei a pesquisa, que logo foi interrompida novamente respeitando o calendário acadêmico e de forma limitada dessa vez por muitas vezes não ter com quem deixar meu filho. E por último, dia 12 de maio do presente ano, dessa vez já estava trabalhando e tive que encerrar para dá início as análises, pois tinha pouco tempo para me dedicar. As aplicações dos questionários eram feitas sempre por abordagem aos alunos que encontrava no Centro de Ensino Graduação (CEGOE), suas intermediações como na praça, xerox de Shirley, nas barracas de lanche, no prédio de Educação Física. Em seguida ia para o prédio da reitoria e já no último dia da coleta dos dados fui orientada a ir para a biblioteca para pegar um quantitativo maior de pessoas em cursos variados sem ser de Ciências Sociais.

Foram escolhidos estudantes de cursos de áreas diferentes das Ciências Sociais que já estudaram a disciplina de Sociologia, de forma aleatória, sendo tanto da área das agrárias, onde a UFRPE é referência, quanto das outras áreas. Foram alunos dos cursos de: Agronomia, Ciências Biológicas, Economia Doméstica, Engenharia Florestal, Engenharia de Pesca, Engenharia Mecânica, História, Licenciatura Educação Física, Licenciatura em Computação, Matemática, Pedagogia, Zootecnia. No intuito de ver a opinião deles em relação à disciplina de sociologia. Foram 61 questionários aplicados.

Assim, considerando o contexto e os fatos apresentados a pesquisa se materializou na busca pela resposta da seguinte questão: Qual avaliação/percepção que estudantes, de outros cursos da UFRPE, que não cursam Ciências Sociais, fazem do ensino da Sociologia?

Nesse sentido, a monografia teve como objetivo geral identificar como os alunos de cursos de áreas distintas das Ciências Sociais da Universidade Federal Rural de Pernambuco avaliam/percebem a disciplina de sociologia em seu curso. Como também de forma específica verifica se a disciplina de sociologia está contribuindo na formação dos estudantes, entendendo se o êxito ou o fracasso da disciplina de Sociologia no ensino superior está relacionado, ou não, ao fato de se ter profissionais qualificados e ainda conhecendo, a relação entre professor e estudantes e as práticas de ensino.

A partir da questão da pesquisa e dos objetivos propostos, partimos da seguinte hipótese: os estudantes do ensino superior, mais especificamente da UFRPE, percebem a sociologia como um conhecimento útil para sua formação. Na medida em que os professores são profissionais qualificados na área das Ciências Sociais, se pressupõe que o conteúdo das aulas é de excelência. Outra suposição é que os conteúdos são adaptados ao curso onde se ministra a disciplina, no sentido de facilitar a formação profissional e uma visão crítica da sociologia na vida prática.

Partindo da necessidade de conhecer melhor a educação superior, este trabalho está dividido em três partes. Na primeira seção, “Educação pela ótica da Sociologia da Educação”,



fazemos um breve levantamento teórico do que é educação na visão dos clássicos Karl Marx, Max Weber e Durkheim. E encerramos o capítulo com a análise da visão contemporânea de Pierre Bourdieu.

Na segunda parte o “Ensino da Sociologia”, é falado sobre a qualidade da Universidade brasileira e o Ensino das Ciências Sociais em um breve histórico. Na terceira e última parte, a “Universidade Federal Rural de Pernambuco”, fazemos as análises da pesquisa. Conhecendo melhor as percepções e avaliações das disciplinas sociológicas, dos alunos dos outros cursos ofertados na universidade. Concluímos com as considerações finais.

### **Universidade e a Qualidade da Educação Superior no Brasil**

Boaventura (2005), em seu livro *A universidade do século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade*, faz uma consistente análise dos acontecimentos, nos últimos dez anos. E avalia as três crises na universidade: crise de hegemonia, crise de legitimidade e crise institucional. Por crise de hegemonia, compreende que é resultante de atribuições funcionais contraditórias, uma vez que, além de produtora da alta cultura e formadora das elites, função datada desde a Idade Média, a universidade é também produtora de padrões culturais médios e de conhecimentos instrumentais, para formar mão-de-obra qualificada. A crise de legitimidade ensejou-se pela perda da consensualidade que delegava à universidade a deformidade organizadora do conhecimento, fato consumado pela contradição entre a hierarquização dos saberes especializados, empreendida através de restrições ao acesso e ao credenciamento de competências, e pelas exigências sócio-políticas por uma democratização da universidade, reivindicando a formação, também, dos filhos das classes populares. A crise institucional efetivou-se pela contradição entre a autonomia universitária, a eficácia de natureza empresarial e a responsabilidade social. A universidade passa a ser crescentemente, na percepção de Boaventura, intimada a participar mais diretamente de outras relações sociais, sejam de produção, ou de emancipação como é o caso da reforma universitária brasileira.

No Brasil, falar de reforma universitária é não ter percebido que ela já ocorreu, tendo início com a implantação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), prosseguindo com o veto aos itens do Plano Nacional de Educação que demandavam recursos adicionais e consolidando-se pela completa modificação do sistema de ensino superior em razão do grande peso relativo do setor privado na oferta de vagas. Se ainda não chegou o momento de tentar ressuscitar a universidade pública, é certo que já é chegada a hora de fazer algo para evitar seus últimos suspiros (SANTOS, 2005).

O setor público do sistema de ensino superior no país apresenta elevado grau de qualida-



de, a ressentimento das imensas dificuldades financeiras que vem atravessando há alguns anos. Avaliações de suas atividades de ensino, pesquisa e extensão têm demonstrado a média elevada que o sistema alcança e registrado a existência de unidades de excelência, comparáveis às melhores instituições do mundo. Apesar da precariedade e da irregularidade do financiamento, as instituições públicas podem ser apontadas, em linhas gerais, como o marco de qualidade acadêmica a ser tomado como referência (SANTOS, 2005).

A temática da qualidade em educação certamente é foco de inúmeras discussões e reflexões acerca do próprio termo “qualidade”, pois, segundo diversos autores, trata-se de um conceito múltiplo e que se expressa através de juízos de valor. De acordo com Bertolin (2007), nas décadas de 1960 e 1970, a preocupação com a educação se dava, basicamente, no sentido quantitativo, no sentido da quantidade de pessoas que teriam acesso à educação, e foi na década de 1980 que começaram a surgir, nos EUA e na Europa, as primeiras reflexões acerca da qualidade da educação.

Segundo Bertolin (2007), no espaço da educação superior, a qualidade é de maneira rigorosa reconstruída em função de um conjunto de especificidades das instituições de educação, tais como autonomia acadêmica e aspectos que não permite a formalização das atividades acadêmicas e científicas.

A expressão “qualidade em educação”, segundo Davok (2007), admite variadas interpretações. Segundo essa autora, uma educação de qualidade vai desde aquela que possibilita o domínio eficaz dos conteúdos, ou aquela que possibilita a aquisição de uma cultura científica ou literária, até aquela que desenvolve a capacidade de servir ao sistema produtivo ou, ainda, aquela que promove o espírito crítico e fortalece o compromisso para transformar a realidade social.

Segundo Lemaitre (2001), as definições de qualidade nunca são neutras nem inocentes, senão que se referem a equilíbrios de poder dentro da educação superior e entre a educação superior e outros atores sociais. Considerando a educação, tem-se utilizado termo “qualidade” para justificar muitas coisas, dentre elas reformas curriculares, projetos de pesquisa, conferências e congresso científicos etc.

Porém, os estudos sobre a qualidade da educação superior tendem a apontar para a existência de diversos, diferentes e legítimos entendimentos para o termo que sempre pode variar no tempo e no espaço. Segundo Bertolin (2007), o fato é que o entendimento de qualidade é implacavelmente subjetivo, porque depende fundamentalmente das concepções de mundo e de educação superior de quem o emite.

Essa é a grande problemática apresentada, a qualidade da educação superior em relação aos aspectos que a constituem. Segundo Rui Santiago (1999), os contextos em que surgem



o assunto qualidade na educação superior são diferentes conforme as especificidades dos países e das próprias instituições.

Tendo discutido o conceito de qualidade da educação sob o argumento de alguns autores, surgiu a necessidade de se resgatar a qualidade em educação propostas pelo INEP/UNESCO (2004) que consideram qualidade um conceito dinâmico, reconstruído constantemente e indicadores da Qualidade na Educação foram criados para ajudar a comunidade escolar na avaliação e na melhoria da qualidade da educação. Este é seu objetivo principal. Para a UNESCO, no Relatório Conciso sobre o Imperativo da Qualidade de 2004:

*A definição de qualidade: dois princípios caracterizam a maior parte das tentativas de definir a qualidade na educação: o primeiro deles identifica o desenvolvimento cognitivo dos alunos como o grande objetivo explícito de todos os sistemas educacionais. Dessa forma, o êxito alcançado por um sistema com relação a esse objetivo é um dos indicadores de sua qualidade. O segundo dá ênfase ao papel da educação na promoção de valores e atitudes de cidadania responsável e no cultivo do desenvolvimento criativo e emocional. A consecução desses objetivos nos diferentes países é mais difícil de avaliar e comparar (p. 2).*

De acordo com os fatores apresentados pela UNESCO, percebemos a educação como um processo a ser construído, logo, a qualidade desse processo irá depender de características anteriores, atuais e posteriores ao processo.

A avaliação da qualidade da educação superior assume assim, a responsabilidade de identificar de que forma o ensino superior tem dado resposta à sociedade que o mantém. Portanto, percebemos que, o ensino superior, além da equidade e da acessibilidade (quantidade), deve também ser de qualidade.

Zabalza (2004) considera, portanto, que “hoje em dia, a educação superior já não é mais um privilégio social para poucas pessoas, normalmente provenientes da classe social média alta, mas que, com exceções, se transforma em aspiração plausível para camadas cada vez mais amplas da população” (p. 182). Esse aumento da disponibilidade de acesso ao ensino superior pode ser, sem dúvida atribuído, ainda que parcialmente, às instituições privadas que dão a oportunidade de ascensão social às camadas populares. Porém, Zabalza (2004) pondera que o processo de massificação se constitui como um empecilho na introdução de inovações porque, em instituições com grandes números de alunos, os professores e a própria instituição renunciam explicitamente ao ensino de qualidade, buscando apenas a sobrevivência. De acordo com Jaime Giolo (2006):



*[...]é provável que o agressivo jogo do mercado educacional crie ainda outros problemas para os docentes brasileiros. Na sensível crise financeira das instituições privadas, estão sendo emitidos sinais inequívocos de que os bons níveis salariais do setor privado, praticados, começarão a despencar de forma generalizada. Os impactos que isso terá sobre o sistema da educação superior brasileiro são difíceis de prever, mas é certo que não serão pequenos e nem localizados (p.45).*

Essa é a grande problemática apresentada, a qualidade da educação superior em relação aos aspectos que constituem o ensino privado, porém, a questão da definição do termo qualidade. Segundo Rui Santiago (1999), citado anteriormente, ele chama a atenção para os cuidados com os contextos em que surge, ele diz que: “são diferentes conforme as especificidades dos países e das próprias instituições”. Contudo neste trabalho a questão da definição do termo qualidade serve para exemplificar o ensino da universidade pública.

Florestan Fernandes (2005), deixa suas contribuições sobre a qualidade da educação brasileira, ou melhor, sua falta de qualidade, provocada pelas condições sistemáticas da época de sua implantação:

*Poucos países, no mundo moderno, possuem problemas educacionais tão graves quanto o Brasil. Como herança do antigo sistema escravocrata e senhorial, recebemos uma situação dependente inalterável na economia mundial, instituições políticas fundadas na dominação patrimonialista e concepções de liderança que convertiam a educação sistemática em símbolo social dos privilégios e do poder dos membros das camadas dominantes (FERNANDES, 2005).*

Apoiado em Marx, Florestan (2005), critica o modelo estabelecido de educação e problematiza o sistema educacional brasileiro, dizendo que seria resolvido a partir de uma mudança social organizada. Daí a necessidade de um trabalho solidário entre os profissionais nas áreas de educação e Ciência Sociais. Para um melhor entendimento o próximo sob título, A História do Ensino da Sociologia no Brasil, aborda o ensino das Ciências Sociais a partir de sua história.

### **A História do Ensino da Sociologia no Brasil**

No Brasil, podemos distinguir nitidamente, na história da Sociologia, dois períodos bem configurados (1880-1930 e depois de 1940), com uma importante fase de transição (1930-1940). No primeiro, é praticada por intelectuais não especializados, interessados principalmente em formular princípios teóricos ou interpretar de modo global a sociedade brasileira. Além disso, não se registra o seu ensino, nem a existência da pesquisa empírica





sobre aspectos delimitados da realidade presente (CANDIDO, 2004).

Segundo Candido (2004), é depois de 1930 que a sociologia penetra no ensino secundário e superior, começa a ser invocada como instrumento de análise social, com a criação da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo - ELSP e, posteriormente, com o a Universidade de São Paulo - USP: dando lugar ao aparecimento de um número apreciável de cultores especializados, devendo-se notar que os primeiros brasileiros de formação universitária sociológica adquirida no próprio país formaram-se em 1936. A década de 1930, rica e decisiva, pode ser considerada, fase transitória para o atual período que, iniciado mais ou menos em 1940, corresponde à consolidação e generalização da sociologia como disciplina universitária e atividade socialmente reconhecida, assinalada por uma produção regular no campo da teoria, da pesquisa e da aplicação.

Simões (2009), ao realizar uma reflexão sobre os anos iniciais da ELSP traz a seguinte ponderação sobre a finalidade da mesma:

*[...] a Escola de Sociologia e Política surgia como um centro de estudos voltados para a compreensão científica da realidade brasileira e que visava formar quadro técnicos qualificados em ciências sociais para atuarem nas nascentes instituições públicas de planejamento econômico e desenvolvimento social (SIMÕES, 2009)*

Devemos considerar duas questões aí imbricadas: por um lado, por mais que não possamos falar num universo de pesquisa consolidado no país, havia de forma indiferente, e mesmo policêntrica (ainda que de maneira desarticulada), uma série de núcleos de pesquisas, que traziam uma reflexão acerca da realidade social brasileira, em especial através das faculdades de direito, e em menor grau de medicina e de educação, de modo que a ELSP buscava consolidar o processo de pesquisa, capitaneando-o. Por outro, devemos dar destaque ao caráter elitista que a proposta assume neste momento, considerando inclusive o momento mais amplo em termos de políticas públicas educacionais, tendo em vista que a partir do século XX, em especial após o Estado Novo, houve uma política educacional voltada claramente para uma reprodução das condições sociais em termos “estamentais”, privilegiando-se cursos técnicos, voltados para as classes menos favorecidas, reafirmando o universo universitário como exclusivo das classes mais abastardas, o universo bacharellesco (FREITAG, 1985).

Neste sentido, temos um processo embrionário de formação de quadros em Ciências Sociais que não estavam voltados para a questão do ensino na educação básica, por mais que estivessemos num momento vigoroso do ensino de tal disciplina, que foi ocultada, no decorrer do Estado Novo, ainda que mantido no âmbito da formação de professores (SAN-



TOS, 2002).

Sendo assim, podemos afirmar que o surgimento de um curso voltado para a área de Ciências Sociais (posteriormente de cursos) não propiciou uma articulação com o universo da sala de aula, pelo contrário, houve um distanciamento que se aprofundou nos anos seguintes, o inverso do que aconteceu em muitas áreas do conhecimento (MORAES, 2008). Herança que, em boa medida, podemos atribuir à tradição bacharelesca existente no país. Holanda (1995[1936]) realiza os seguintes apontamentos acerca de tal questão:

*Apenas, no Brasil, se fatores de ordem econômica e social - comum a todos os países americanos - devem ter contribuído largamente para o prestígio das profissões liberais, convém não esquecer que o mesmo prestígio já as cercava tradicionalmente na mãe pátria. Em quase todas as épocas da história portuguesa uma carta de bacharel valeu quase tanto como uma carta de recomendação nas pretensões a altos cargos públicos. No século XVII, a crer no que afiança a 'Arte de Furtar', mais de cem estudantes conseguiram colar grau na Universidade de Coimbra todos os anos, a fim de obterem empregos públicos, sem nunca terem estado em Coimbra. De qualquer modo, ainda no vício do bacharelismo ostenta-se também nossa tendência para exaltar acima de tudo a personalidade individual como valor próprio, superior às contingências. A dignidade e importância que confere o título de doutor permitem ao indivíduo atravessar a existência com discreta compostura e, em alguns casos, podem libertá-lo da necessidade de uma caça incessante aos bens materiais, que subjuga e humilha a personalidade (HOLANDA, 1995, p. 157).*

Formar bacharéis teria um sentido imbricado profundamente com a cultura política brasileira, respondendo ao contexto social em que a ELSP e a USP se encontravam. Holanda (1995) tenta explicar esta ânsia pelo bacharelismo através do culto a personalidade existente no Brasil, que remete às profissões liberais que os bacharéis historicamente ocupam. No fim das contas, o bacharel torna-se uma forma legítima de materializar o “Você sabe com quem está falando? ”, desenvolvido por DaMatta (1997).

Com as mudanças políticas que ocorreram nas décadas subsequentes, dando um especial destaque para a ditadura militar instituída no Brasil a partir de 1964, culminando com a substituição das disciplinas de sociologia e filosofia no currículo escolar pelas de Organização Social e Política Brasileira (OSP), e Educação Moral e Cívica, refletindo a tomada ideológica que o currículo refletia naquele momento, acompanhada de uma tecnificação mais ampla do mesmo, a sociologia perde cada vez mais espaço na educação básica, direção diametralmente oposta que toma o ensino de sociologia em nível de graduação e pós graduação, com o incremento de cursos em nível de mestrado e doutorado, também acompanhado de uma contínua perda de interesse por parte de tais pesquisadores da edu-



cação enquanto objeto de investigação sociológica (SILVA, BRANCO, PERA, 2010).

Com o fim da ditadura militar e com o processo de redemocratização o cenário não se alterou tão substancialmente quanto o esperado, o currículo caminhou para um processo contínuo de flexibilização (SILVA, 2008), culminando com uma série de políticas educacionais assumidas nos anos 90, em consonância com as políticas mais amplas em nível político e econômico que o país assumia naquele momento, sua flexibilização dificultou a entrada da sociologia num currículo comum, ainda que alguns Estados, de forma isolada, tenham tomado a iniciativa de retomar a disciplina em suas grades curriculares (SANTOS, 2002).

Sua reintrodução efetiva a partir dos anos 2000, com o parecer CNE nº 38/06, e posteriormente com a lei nº 11684 que tornaram o ensino da sociologia (e da filosofia) obrigatório em todas as séries do ensino médio, trouxe um novo fôlego à reflexão sociológica em torno da temática, aumentando consideravelmente o número de publicações sobre a temática, bem como incitando a abertura de novas licenciaturas nos últimos anos.

A questão da identidade dos cursos de licenciatura em ciências sociais ainda é uma questão crucial, que se incrusta num nível de subjetividade que não pode ser resolvido apenas no âmbito da legislação. No entanto, as condições objetivas, a conjuntura em que estes cursos se inserem, os levam a iniciar uma reflexão em torno de suas identidades como cursos de formação professores. O ensino de sociologia se coloca como uma questão para a qual não há escapatória que não o debate e a sua problematização.

Acerca da introdução desta questão na academia Oliveira (2007) nos coloca a seguinte reflexão:

*A velha questão de que questões de ensino são de responsabilidade de certos professores mais velhos e que o conjunto dos pesquisadores em Ciências Sociais não se envolvem muito nesses assuntos, parece ter sido pega de surpresa pela legislação atual, que versa sobre a obrigatoriedade da Sociologia e, portanto, sobre formação/ensino de Sociologia. Surpresa que só pode ser estranha - sem ser inusitada - já que essa lei é fruto de lutas acadêmicas e sindicais, que em última instância foram assumidas por centenas de cientistas sociais (OLIVEIRA, 2007, p. 21).*

Se a reintrodução da sociologia no ensino médio é um ápice de uma série de ações e estratégias, é de se esperar que ela não surja como um corpo estranho ao seio acadêmico das ciências, se assim acontecesse, reflete, antes de qualquer coisa, um alheamento do universo acadêmico das ciências sociais às questões que dizem respeito ao ensino na educação básica. Compreender, portanto, o itinerário traçado pelo ensino de sociologia, é também compreender o itinerário intelectual que a ciência sociológica traça no Brasil, em



especial no contexto de políticas neoliberais que emergem com mais força após os anos 79, que configuram e reconfiguram o currículo escolar.

Rego (2006), em seu estudo sobre o ensino de Sociologia, elaboradas a partir de suas práticas docente nos cursos de Direito, Pedagogia e Normal Superior. Fala da importância da sociologia na construção de seu ensino, tanto no desenvolvimento profissional, quanto individual e coletivo. Tendo por objetivos incluir a formação de sujeitos capazes de exercer uma cidadania crítica, responsável e combativa e uma prática profissional de forma contextualizada e significativa, visando à construção de uma sociedade mais justa e menos desigual, contribuindo para a luta contra-hegemônica diante do discurso neoliberal e da cultura global, no sentido da transformação da realidade social. Rego acrescenta ainda que:

*Uma das principais dificuldades relativas ao ensino de Sociologia reside exatamente na pluralidade de visões teóricas sociológicas existentes. É difícil fazer o aluno compreender que, na realidade, constituem múltiplos pontos de vista e perspectivas complementares, que enfocam e privilegiam respectivamente um determinado aspecto da totalidade da vida social. É fundamental que o ensino de Sociologia não priorize uma perspectiva em detrimento da outra, não seja tendencioso, pois o aluno deve se tornar capaz de realizar suas próprias opções político-teóricas (REGO, 2006).*

Assim, é necessário que os docentes também avaliem sua forma de lecionar, no entanto, o nosso trabalho aqui é avaliar e perceber a visão dos alunos, quanto a necessidade das disciplinas de sociologia em sua vida profissional. Para isso convido você a dar continuidade a sua leitura, pois, a próxima parte do texto é a nossa análise da pesquisa.

## **A Universidade Federal Rural de Pernambuco**

A UFRPE possui 105 anos de tradição em ensino, extensão e pesquisa no Estado e no país. Sua história secular é marcada pela capacidade de inovação ao buscar contribuir para superação dos problemas socioambientais e para o desenvolvimento sustentável de projetos e de pesquisas que envolvam as ciências agrárias, humanas, exatas e sociais. Composta por mais de 1200 professores, mais de mil técnicos e cerca de 17 mil estudantes. A UFRPE é composta pelo campus de Dois Irmãos, com sede no Recife, Unidade Acadêmica do Cabo de Santo Agostinho (UACSA), Unidade Acadêmica Serra Talhada (UAST), Unidade Acadêmica de Garanhuns (UAG), Colégio Agrícola Dom Agostinho Ikas (CODAI), e ainda estações avançadas de pesquisa, ou seja, extensões situadas no Litoral, na Zona da Mata, no Agres-



te e no Sertão de Pernambuco.

São mais de 4 mil vagas disponibilizadas anualmente para novos estudantes. A seleção é feita por meio do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), com o Sistema de Seleção Unificada (SISU). A integração entre o corpo discente e o docente, quase todo constituído por mestres e doutores com formação em universidades renomadas, e a intensa atividade de pesquisa fazem da Universidade um centro de excelência nacional nas áreas em que atua ([www.ufrpe.br/br/content/apresenta](http://www.ufrpe.br/br/content/apresenta)).

No quesito infraestrutura, a UFRPE oferece à comunidade acadêmica a Biblioteca Central (BC), com acervo de mais de 70 mil volumes, entre livros e folhetos, títulos de periódicos, filmes e documentários. A BC também está equipada com totens digitais de consulta a publicações e outras informações institucionais, bem como computadores que possibilitam a operação dos equipamentos através de sons, além de impressora em braile e outros aparatos para alunos com limitações visuais. A estrutura do campus de Dois Irmão possui ainda: Centro Esportivo com piscina semi-olímpica, quadra coberta, campo de futebol e pista de atletismo; residência estudantil; núcleo de serviços de saúde para consultas médicas, odontológicas, psicológicas, análises laboratoriais e clínicas, assistência social e enfermagem a servidores, estudantes e comunidades circunvizinha; Hospital Veterinário.

A UFRPE, por intermédio da Assessoria de Cooperação Internacional (ACI), estabelece relações e convênios de cooperação interinstitucional com universidades e centros de ensino e produção científica de diversos países. Por meio de projetos voltados à troca de experiência de estudantes e professores de diferentes nacionalidades, a UFRPE firma acordos, promove intercâmbio e orienta a comunidade universitária acerca de oportunidades de bolsas, cursos e eventos internacionais. Também facilita e incentiva a vinda de pesquisadores de outros países para enriquecimento mútuo.

Desde a fundação da Escola Superior de Agricultura, em 1912, com os cursos de Medicina Veterinária e Agronomia, até hoje a Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) tem alcançado bons resultados devido aos investimentos em ações de ensino, pesquisa e extensão. Abrangendo 59 cursos de graduações, incluindo Ciências Biológicas, Economia Doméstica, História, Licenciatura Educação Física, Licenciatura em Computação, Matemática, Pedagogia, diversas Engenharias e entre outros cursos.

A UFRPE dispõe ainda do Curso de Graduação na área de Ciências Sociais desde 1990, reconhecido pelo MEC em 1999 e reconhecido em 2004. O curso de Bacharelado em Ciências Sociais foi originalmente criado com ênfase em Sociologia Rural, retirada no primeiro processo de reformulação, ocorrido em 2004 e consolidado com o Projeto Pedagógico do Curso de 2007. Em 2012, uma nova revisão do Projeto Pedagógico traz para Matriz Curri-



cular a equiparação entre as três áreas de conhecimento do curso: Antropologia, Ciências Políticas e Sociologia. Os conteúdos metodológicos, o estudo de temas brasileiros, a discussão de problemáticas recentes e uma sólida formação teórica são diferenciais do curso.

O interesse desta pesquisa é o de avaliar a percepção dos alunos de outros cursos da UFRPE, que não cursam Ciências Sociais, em relação ao ensino das disciplinas de Sociologia em seus cursos.

Foram escolhidos estudantes de cursos de áreas diferentes da Sociologia que estudaram a disciplina de Sociologia de forma aleatória, através de abordagem na própria universidade. No intuito de ver a opinião deles em relação à disciplina de sociologia. Foram aplicados 61 questionários, aos estudantes do campus Recife, que se localiza na Rua Manoel de Medeiros, s/n - Dois Irmãos - PE, com o CEP 52171-900, Brasil.

Trabalhamos com pesquisa bibliográfica, como também o questionário fazendo um levantamento das principais discussões feitas sobre o tema. O questionário era composto por 11 questões, sendo 10 objetivas e 1 subjetivas, utilizando o método qualitativo através do estudo exploratório. Onde se perguntava nome, idade, estudante da UFRPE, entre outros. Facilitando na compreensão da avaliação e percepção dos alunos quanto a disciplina.

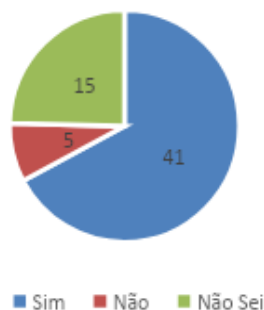
Podemos entender melhor as perguntas e argumentos dos alunos a partir das análises dos gráficos:



O primeiro gráfico nos mostra que das 61 pessoas (estudantes da UFRPE) entrevistadas, 52 estavam cursando seu primeiro curso de graduação e apenas 9 pessoas já tinham cursado outro curso. Todas elas, como mostra o segundo gráfico, já tinham cursado a disciplina de Sociologia em seu curso. Portanto já estavam aptas a responder as questões colocadas.



### O seu professor(a) de sociologia tinha formação na área das Ciências Sociais?



O terceiro gráfico nos leva a uma reflexão maior quando se questiona “ O seu professor (a) de sociologia tinha formação na área das Ciências Sociais”, pois, apesar da maioria responder que sim, um número considerável responde que não sabe, e uma minoria que não e nos leva a questionar a relação entre docentes e discentes, ou melhor, até onde os alunos e professores se conhecem ao ponto do aluno saber a área de atuação do professor.

Uma das respostas, a que chamou mais nossa atenção, foi a de Gabriel<sup>50</sup>, 27 anos, estudante de Licenciatura Plena em Computação diz “aquilo não era sociologia”. E ainda na questão seguinte quando se é questionado quanto a necessidade da sociologia para o profissional de computação, ele assinala como desnecessária. Diante desta situação em conversa com o mesmo, ele nos explica melhor e diz que sua resposta negativa deve-se ao fato do seu professor não ter a formação adequada. Gabriel afirmou que o seu professor de sociologia tinha formação na área de computação (informática) e não em sociologia. Afirmou ainda que se a formação do professor fosse adequada, a disciplina de sociologia teria sido proveitosa e importante em sua formação.

Por outro lado, os que afirmam que os seus professores tinham formação em sociologia, tinha sempre um argumento estimulador, como é o caso de Joana que quando perguntada de qual forma a disciplina contribuiu na sua formação, responde:

*Fazer uma interpretação com outras disciplinas do curso. Possibilita uma compreensão dos conhecimentos obtidos sobre o espaço rural, status, desenvolvimento, poder. Todos abordados em outras disciplinas do curso em diferentes períodos. (Joana, 24 anos, estudante de Economia Doméstica. Entrevista realizada no dia 12 de maio de 2017).*

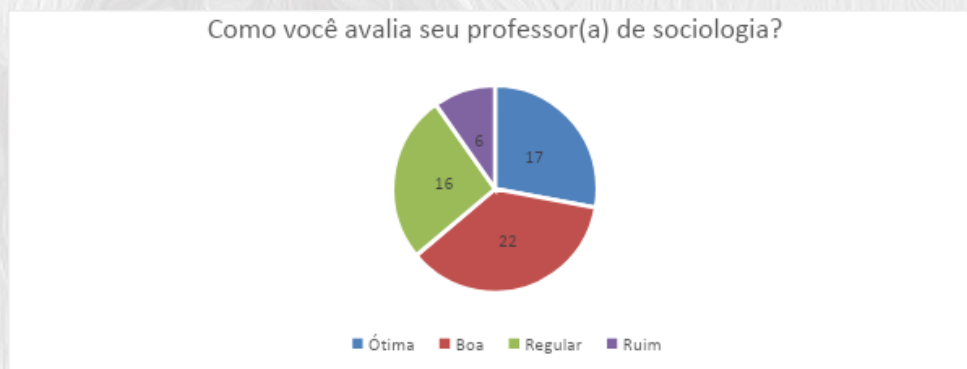
<sup>50</sup> Na pesquisa, todos os nomes de entrevistados são nomes fictícios no intuito de preservar os sujeitos envolvidos.



Assim como Joana, Simone também faz sua avaliação:

*Mostrou a importância da vivência na sociedade, o modo de tratamento com as diversas partes sociais. Desde pescadores até empresários do ramo da Engenharia de Pesca. O qual é importante manter a humildade independente do seu “status” (Simone, 20 anos, estudante de Engenharia de Pesca. Entrevista realizada no dia 18 de fevereiro de 2017).*

No quarto gráfico as opiniões se dividem ainda mais, em ótimas, boa, regular e ruim. E nos chama a atenção para o que pode ser feito por parte dos professores no melhoramento da condução das aulas.



Renata, 20 anos, estuda Agronomia e classifica seu professor (a) como regular, ela fala “que a disciplina mostrou uma parte mais social, que não é vista com frequência ao longo do curso”. Ela também classifica as aulas como regular, no entanto afirma que o conteúdo contribuiu na sua formação acadêmica. Outra estudante que também achou regular foi a Yêda, de 30 anos, que estuda Zootecnia, mas ela também afirma que contribuiu para sua formação acadêmica, ela diz “Ajudou de alguma maneira na compreensão do curso”. O que podemos notar em comum nas respostas das duas estudantes, dentre outros, é o fato das aulas não serem voltadas as especificidades do curso em que é oferecida, o que vem mostrando um certo descontentamento com a disciplina.

Todavia, a maioria avalia seu professor como sendo ótimo e bom, e isso nos mostra que a relação professor/aluno é boa e o que se tem a ser melhorado é o direcionamento das aulas, ou seja, ter o assunto abordado de acordo com as especificidades de cada curso, uma disciplina integradora ao curso.

E isto se confirma nas opiniões de quem avalia seus professores como ótimos. Como é o caso da Eliane, estudante de Pedagogia, 22 anos, que escreve: “abordou questões não





só da área que atuo, mais também abordou questões históricas e sociais.”. De Vinício, 19 anos, estudante de Licenciatura em Química que fala: “Compreensão dos processos sofridos pela educação, e os fatores que influenciaram para que chegássemos nos dias de hoje”. E de Laís:

*A disciplina de Sociologia Rural abre os olhos dos alunos para muitas questões práticas, tanto como seres humanos como profissionais, estamos expostos diariamente (Laís, 20 anos, estudante de Engenharia Florestal, Entrevista realizada no dia 12 de maio de 2017).*

O próximo gráfico é o quinto, ele demonstra que o fato de termos professores com formação em Ciências Sociais na UFRPE, contribui na formação acadêmica e pessoal dos discentes. Como afirma Jailma:

*Ajudando a entender melhor a relação em sociedade e assim podendo entender também a relação entre os humanos e o resto dos seres vivos, contribuindo para o pensamento em relação a eles (Jailma, 18 anos, estudante de Bacharelado em Ciências Biológicas. Entrevista realizada no dia 03 de novembro de 2016).*

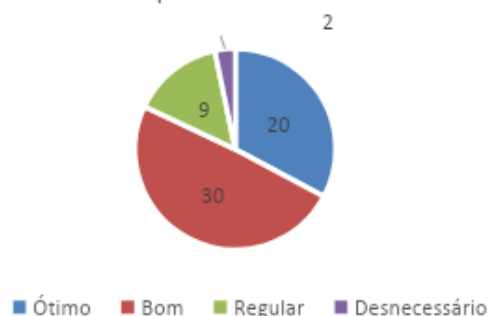
Olívia, 25 anos, estudante do curso de Engenharia Florestal, fala que: “O conteúdo abordado nas aulas de Sociologia são interligados aos conteúdos de outras disciplinas ao longo do meu curso”.



O sexto e último gráfico aponta como necessário os conhecimentos sociológicos, na formação de qualquer curso superior.



A partir das aulas e do conhecimento obtido, como você avalia a disciplina de sociologia na UFRPE, do ponto de vista da necessidade profissional?



Para a estudante de Economia Doméstica, Íris, 46 anos: “..., contribuiu para termos um melhor entendimento de outras disciplinas que estudamos depois”. Robson, do curso de Zootecnia acrescenta: “Na avaliação de valores e compreensão da sociedade como um todo”.

Diante dos dados coletados e analisados chegamos à conclusão que a disciplina de sociologia é fundamental para a formação de diversos profissionais. Como dito anteriormente por Rego (2005), em seu estudo sobre o ensino de Sociologia, onde ele fala da importância da sociologia na construção do desenvolvimento profissional, individual e coletivo.

### Considerações finais

O principal objetivo deste trabalho foi analisar de que forma os alunos dos outros cursos de graduação, que já cursaram alguma disciplina de sociologia, avaliam/percebem as aulas, o professor e todo conhecimento obtido na sua formação profissional. A hipótese do trabalho foi: os estudantes do ensino superior, mais especificamente da UFRPE, percebem a sociologia como um conhecimento útil para sua formação. Na medida em que os professores são profissionais qualificados na área das Ciências Sociais, pressupõe-se que o conteúdo das aulas é de excelência. Outra suposição é que os conteúdos são adaptados ao curso onde se ministra a disciplina, no sentido de facilitar a formação profissional e uma visão crítica da sociologia na vida prática.

Para confirmar ou refutar essa hipótese foram aplicados questionários com questões objetivas e subjetivas. Que nos deram subsídios para entender: qual o curso estava sendo estudado, se o professor tinha formação na área das Ciências Sociais, se era o primeiro curso de formação, como eles avaliavam o professor e as aulas, se o conteúdo estudado nas aulas contribuiu na formação deles de forma explicativa e por último como eles avaliavam a disciplina sociológica do ponto de vista da necessidade profissional.



Assim, os estudantes em sua maioria falaram da importância da disciplina de sociologia não só na sua formação profissional como pessoal. Alguns poucos demonstraram descontentamento com o direcionamento das aulas, criticando as mesmas, falando do seu conteúdo pouco útil na sua formação profissional, levando-nos a pensar que talvez, como foi citado lá no início da pesquisa, o professor por ter formação em bacharelado não tenha didática, ou até mesmo encontre dificuldades. É com esse pensamento que venho aqui sugerir novas pesquisas voltadas para o olhar do professor.

## REFERÊNCIAS

BERTOLIN, J. C. G. **Indicadores em nível de sistema para avaliar o desenvolvimento e a qualidade da educação superior brasileira**. Revista Avaliação. v. 12, n. 2, jun. 2007. Campinas: Sorocaba, SP.

CANDIDO, Antônio. “A sociologia no Brasil”. Tempo soc., Jun 2006, vol.18, no.1, p.271-301.

COSTA, Leomir Souza. **Formação de professores de ciências sociais/sociologia: subsídios para o debate**. Editada por discentes do PPG SP. v. 12, n. 2, ago. Dez. 2015.

DAMATTA, Roberto. **O que faz do brasil, Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

DAVOK, D. F. **Qualidade em educação**. Revista Avaliação. v. 12, n. 3, p. 505-513, set. 2007. Campinas: Sorocaba, SP.

FEIJÓ, Fernanda. **Breve Histórico do Desenvolvimento do Ensino de Sociologia no Brasil**. Florianópolis, v. 13, n. 01, p. 133 - 153, jan/jun. 2012.

FERNANDES, Florestan. **A ciência aplicada e a educação como fatores de mudança cultural provocada**. R. bras. Est. pedag., Brasília, v. 86, n. 212, p. 125-161, jan. abr. 2005.

FERREIRA, Eduardo Carvalho. **Sobre o conteúdo da sociologia na escola: O ensino e a problemática dos obstáculos epistemológicos**. I Seminário Nacional Sociologia e Política UFPR. 2009.

FREITAG, Barbara. **Escola, Estado e Sociedade**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

GILOLO, Jaime. **Os docentes da educação superior brasileira**. In: Docência na educação superior: Brasília, 1º e 2 de dezembro de 2006 / Organização: Dilvo Ristoff e Palmira Sevegiani. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2006. XX. (Coleção Educação Superior em Debate v. 5).

HOLANDA, Sergio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.



LEMAITRE, Maria J. **La Calidad Colonizada: universidad y globalizacion. Conferencia dictada en el Seminario.** TheEndofQuality, organizado por la Universidad de Central England, Birmingham, U.K. em mayo de 2001.

MORAES, Amaury Cesar. **“O que temos de aprender para ensinar ciências sociais?”.** Cronos (Natal), v. 8, p. 395- 402, 2008.

OLIVEIRA, Evelina F. Antunes de. **Notas sobre o Ensino de Sociologia em Alagoas.** In PLAN-CHEREL, Alice Anabuki, OLIVEIRA, Evelina F. Antunes de (orgs.) *Leituras Sobre Sociologia no Ensino Médio.* Maceió: EDUFAL, 2007.

REGO, Virgínia Villas Boas Sá. **SOCIOLOGIA E ENSINO SUPERIOR: NOVOS RUMOS?!**. SBS - XII CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 2006.

SANTIAGO, R. **O conceito de qualidade no Ensino Superior.** In: *A Avaliação na Administração Pública*, (Vários autores). Lisboa: Instituto Nacional de Administração, 1999.

SANTOS, Mário. **A Sociologia no Ensino Médio: O que pensam os professores da Rede Pública do Distrito Federal.** Dissertação de Mestrado em Sociologia. Brasília. UnB: Instituto de Ciências Sociais - Brasília - DF. 2002.

SILVA, Ileizi. **A Sociologia no Ensino Médio: Os desafios institucionais e epistemológicos para a consolidação da disciplina.** Cronos (Natal), v. 8, p. 403-427, 2008.

SILVA, Tânia E. M.; SANTOS, Manoel M. R. e SILVA, Adriana E. M. **Sociólogo/professor: novos desafios para a formação profissional.** 2009.

SIMÕES, J. A. **Um ponto de vista sobre a trajetória da Escola de Sociologia e Política.** In: Iris KANTOR; Débora Maciel; SIMÕES, Júlio Assis. (Org.). *A Escola Livre de Sociologia e Política: anos de formação 1933-1953: depoimentos.* São Paulo: Escuta, 2009.

SILVA, Ileizi L. F.; BRANCO, Carolina; PERA, Carolina Branco Ferreira e Karina de Souza. **O ensino das Ciências Sociais: mapeamento do debate em periódicos das Ciências Sociais e da Educação de 1940 a 2001.** In: CARVALHO, Cesar Augusto de. (Org.). *A Sociologia no Ensino Médio: Uma Experiência.* 1 ed. Londrina: EDUEL, v. 1, p. 64-83. 2010.

UNESCO, Relatório Conciso: **O imperativo da qualidade/Educação para todos.** França: UNESCO, 2004.

ZABALZA, M. A. **O ensino universitário: seu cenário e seus protagonistas.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

Website: *Portal do estudante*, Disponível em: <https://www.portaldoestudante.wordpress.com/tag/lei/> Acesso em: 11 de novembro de 2016.



Website: *Universidade Federal Rural de Pernambuco*, Disponível em: <https://www.ufrpe.br/br/content/apresenta/> Acesso em: 03 de setembro de 2017.

